

**ECOS DE PARIS NOS LARES E NA EDUCAÇÃO DAS BRASILEIRAS:
INFLUÊNCIA FRANCESA NA REVISTA VIDA DOMÉSTICA (1920-1962)**

ECHOES OF PARIS IN THE HOMES AND EDUCATION OF BRAZILIAN WOMEN:
FRENCH INFLUENCE IN THE MAGAZINE DOMESTIC LIFE (1920-1962)

ECOS DE PARÍS EN LOS HOGARES Y EN LA EDUCACIÓN DE LAS BRASILEÑAS:
INFLUENCIA FRANCESA EN LA REVISTA VIDA DOMÉSTICA (1920-1962)

Simone Burioli¹ 0000-0002-8766-8331

Camilly Aparecida de Souza Francisco² 0009-0007-0334-6495

Mariah Phelipini³ 0009-0005-6681-6154

¹ Universidade Estadual de Londrina – Londrina, Paraná, Brasil; prof.simone@uel.br

² Universidade Estadual de Londrina – Londrina, Paraná, Brasil; camilly.aparecida@uel.br

³ Universidade Estadual de Londrina – Londrina, Paraná, Brasil; mariah.phelipini@uel.br

RESUMO:

O artigo tem como objetivo analisar a influência francesa na revista Vida Doméstica, publicada entre 1920 e 1962, com foco em identificar como essa presença refletia na educação feminina. A metodologia consistiu na investigação documental das edições disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira Nacional para mapear as referências diretas à cultura francesa e a educação presente no periódico, assim como trata-se de uma pesquisa documental dos autores que tratam a referida temática. O levantamento identificou inúmeras ocorrências relacionadas à temática, como: moda, culinária, literatura, língua francesa e cinema, indicando a centralidade da França como símbolo de contemporaneidade e sofisticação. A análise demonstrou que a revista não difundia apenas práticas de consumo, mas também divulgava valores do cotidiano pautados na elegância parisiense, impactando diretamente na formação do público leitor, o qual eram mulheres. Portanto, a Vida Doméstica atuou como relevante meio de propagação da cultura francesa entre as mulheres brasileiras, legitimando padrões da cultura europeia.

Palavras-chave: história da educação; imprensa; educação das mulheres; modernidade.

ABSTRACT:

The article aims to analyze the French influence in the magazine Vida Doméstica, published between 1920 and 1962, with a focus on identifying how this presence reflected in female education. The methodology consisted of a documentary investigation of the editions available in the Brazilian National Digital Library to map direct references to French culture and education present in the journal, as well as a documentary research of the authors who deal with the aforementioned theme. The survey identified numerous occurrences related to the theme, such as: fashion, cuisine, literature, French language, cinema and poultry, indicating the centrality of France as a symbol of contemporaneity and sophistication. The analysis showed that the magazine not only disseminated consumer practices, but also promoted values of everyday life based on Parisian elegance, directly impacting in the formation of the readership, which were women. Therefore, the Domestic Life acted as a relevant means of propagation of French culture among the Brazilian population, legitimizing standards of European culture.

Keywords: history of education; press; women's education; modernity.

RESUMEN:

El artículo tiene como objetivo analizar la influencia francesa en la revista Vida Doméstica, publicada entre 1920 y 1962, con foco en identificar cómo esta presencia reflejaba en la educación femenina. La metodología consistió en la investigación documental de las ediciones disponibles en la Hemeroteca Digital Brasileña Nacional para mapear las referencias directas a la cultura francesa y la educación presente en el periódico, así como se trata de una investigación documental de los autores que tratan dicha temática. El estudio identificó numerosos acontecimientos relacionados con la temática, como: moda, cocina, literatura, lengua francesa, cine y avicultura, indicando la centralidad de Francia como símbolo de contemporaneidad y sofisticación. El análisis demostró que la revista no solo difundía prácticas de consumo, sino también divulgaba valores del cotidiano pautados en la elegancia parisina, impactando directamente en la formación del público lector, que eran mujeres. Por lo tanto, la Vida Doméstica actuó como un importante medio de propagación de la cultura francesa entre la población brasileña, legitimando los patrones de la cultura europea.

Palabras clave: historia de la educación; prensa; educación de las mujeres; modernidad.

Introdução

Na virada do século XIX e início do XX, a França exerceu um papel essencial como referência cultural global, principalmente no que tange aos padrões de sofisticação, elegância e modos de vida considerados modernos. Paris, em especial, consolidou-se como símbolo de refinamento, impactando nos hábitos e comportamentos ao redor do mundo, inclusive nos lares brasileiros. Essa influência é reforçada pela presença da imprensa francófona no Brasil, cuja origem remonta a partir de 1827, impulsionada pela imigração e pelo aparecimento dos franceses na corte de D. Pedro I. Os jornais em língua francesa contribuíram para a inserção social e cultural dos imigrantes, funcionando como veículos de propagação internacional de valores e espaços de interlocução entre brasileiros e estrangeiros (Lustosa, 2015).

É nesse cenário de intensas trocas culturais que se incorpora a revista Vida Doméstica, também conhecida como a “Revista do Lar e da Mulher”. Fundada em 1920 e publicada até 1962 no Rio de Janeiro, o periódico constituiu-se em importante fonte para problematizar o momento histórico e por aparecer recorrentemente em suas páginas referências à cultura francesa, além de ter deixado sua história na imprensa feminina. Ao longo de sua existência foi dirigido por Jesus Gonçalves e redação de Mário Nunes, que era propriedade da Firma Jesus & Jarque e da Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda.

A circulação dos periódicos femininos no Brasil se iniciou no século XIX, as matérias publicadas eram escritas por homens e voltadas para as mulheres, com a finalidade de ampliar os conhecimentos femininos direcionados ao lar. Paralelamente, a imprensa feminista, que teve papel crucial nos direitos e manifestações das mulheres, ela se diferencia da feminina pelo

motivo de manifestar a liberdade e a opressão, por ser feito por mulheres e para mulheres e por ter como objetivo de ser um modelo para as mulheres, com suas lutas e desejos (Freitas, 2018). Nossa fonte de pesquisa se encaixa na primeira definição, caracterizando-se como um jornal da imprensa feminina.

Especificamente, as revistas da imprensa feminina segundo Santos (2011), são compreendidas como instrumentos que forneceriam de algum modo instruções em tempos de mudança, como a industrialização e a propagação de valores.

Nesse sentido, o impresso voltado para o público feminino cumpriria um importante papel social, além de outras funções ligadas ao lazer, à divulgação de informações, ao estímulo ao consumo: o de educar as mulheres, visando a capacitá-las como educadoras dos filhos e organizadoras da família (Santos, 2011, p. 57).

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo compreender a influência francesa no periódico *Vida Doméstica* (1920-1962) e identificar como essa presença impactava na formação feminina. Buscando responder à seguinte pergunta: De que forma a influência francesa se manifesta nos conteúdos e discursos veiculados na revista *Vida Doméstica* (1920-1962), e como essa presença reflete na educação feminina? A partir de tais indagações, espera-se delinear de que maneira ocorreu a difusão cultural que perpassou fronteiras, com notável atenção de como a imprensa feminina atuou como preceptora desse processo educativo.

Procedimentos metodológicos e fonte da pesquisa

O estudo de pesquisa com fontes históricas possibilita a aproximação aos acontecimentos deixados no presente pelo passado, e são os homens e mulheres que produzem e registram suas ações no mundo social. Neste “imenso conjunto de vestígios – dos mais simples aos mais complexos – constitui o universo de possibilidades de onde os historiadores irão constituir as suas fontes históricas (Barros, 2019, p. 1).

Nessa perspectiva, a análise das matérias contidas na revista *Vida Doméstica* parte dos estudos de Chartier (1990, p. 63), que compreende a relação do texto com o real a partir de modelos discursivos e delimitações intelectuais específicas de cada situação de escrita. Logo, implica “atender à sua especificidade enquanto texto situado relativamente a outros textos cujas regras de organização, como a elaboração formal, têm em vista produzir mais do que mera descrição”.

Trata-se também de uma pesquisa bibliográfica, ancorada no levantamento de autores(as) que tratam sobre a chegada dos impressos franceses no Brasil e a influência francesa

nos lares brasileiros, como Assunção e Italiano (2018), Braga e Prado (2011), Guimarães (2015, 2017 e 2019), Lustosa (2015) e Harvey (2015). Além disso, o trabalho dialoga com trabalhos que discutem a imprensa feminina brasileira e a revista *Vida Doméstica*, como Freitas (2018), Santos (2011), Luz (2024) e Duarte (2023).

A revista foi selecionada por meio do acervo da Hemeroteca Digital Brasileira, de acordo com o banco de dados foi publicado aproximadamente 535 edições em 42 anos de existência. Não tivemos acesso a todas as edições, sendo essa uma dificuldade em trabalhar com a imprensa e fontes históricas. Dentre as opções encontradas, *Vida Doméstica* foi selecionada por ter deixado sua história na imprensa feminina, por ignorar as ideias e avanços do movimento feminina, o qual acontecia na mesma época e por atender à demanda de informação por parte de mulheres na sociedade (Duarte, 2023).

Para localizar a influência francesa no periódico foram utilizadas palavras buscadoras para facilitar nossas buscas, como: “França”, “francês” e “francesa”. O primeiro termo, resultou em 2.948 ocorrências, o segundo, 807 e o terceiro em 1.179 ocorrências em todo o periódico, revelando a expressiva presença da temática. Devido ao extenso número de matérias, as mesmas foram separadas por temáticas e selecionadas as que mais exploraram o assunto, possibilitando o aprofundamento da análise. Por fim, investigamos como essas matérias podem moldar e impactar na educação das mulheres daquele tempo, visto que elas eram o público leitor da revista.

Inicialmente, a periodicidade da *Vida Doméstica* era mensal, a partir de junho de 1922 transformou-se em quinzenal e semanal em julho de 1923. no ano de 1962, suas publicações são encerradas. Ela era produzida em papel couchê e possuía formato de magazine (20 x 26,5 cm). No ano de 1950, a revista possuía 124 páginas e, em 1959, alcançou 108 páginas. Quanto ao valor de comercialização, custava Cr\$ 10,00 em 1950 e Cr\$ 30,00 em 1959. “A partir dos artigos lidos, constatou-se que o aumento de preços era justificado pelo editores, pelo alto custo do papel, das tintas, dos materiais gráficos” (Santos, 2011, p. 39).

Importante destacar que, no primeiro editorial informa que a revista tinha uma programação voltada para “assunptos uteis como a avicultura em geral, e a criação de todos os animais de utilidade ao desenvolvimento da nossa riqueza, a cultura e o aproveitamento das terras, merece algumas linhas de apresentação¹” (*Vida Doméstica*, 1920a, p. 1). E também dar destaque a temas acerca da “vida do lar, que é, afinal, é o objetivo de todas as cogitações humanas” (*Vida Doméstica*, 1920b, p. 1).

¹ Optamos por manter a ortografia da época.

Os periódicos franceses no Brasil como mediadores culturais

A imprensa francófona no Brasil teve espaço de circulação e grande divulgação no século XIX e início do século XX. Os estudos de Guimarães (2015, 2017 e 2019) auxiliam no entendimento do processo de produção, circulação e distribuição de periódicos francófonos, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Coadunamos com a hipótese da autora de que essa imprensa não apenas difundiu a cultura francesa no Brasil, mas também foi uma das pioneiras na inserção do país na lógica da cultura impressa. E, para reforçar este entendimento, os resultados obtidos por ela indicam o predomínio de títulos em francês em relação aos demais idiomas estrangeiros (dado a força global da cultura francesa no período, particularmente na América Latina) e a descoberta de acordos comerciais favoráveis à entrada de impressos provenientes da França.

O primeiro periódico francês publicado no Brasil foi o *L'Indépendant: feuille de commerce, politique et littéraire*, que circulou no Rio de Janeiro em 1827, consta que foi publicado pelo livreiro e tipógrafo Pierre René François Plancher de La Noé. Outro jornal francês que surgiu no mesmo período foi *L'Echo de l'Amérique du Sud*², que circulou entre junho de 1827 e março de 1828. Ambos os jornais eram impressos na tipografia de Pierre Plancher-Seignot, que também era editor do *Jornal do Commercio* (Lustosa, 2015).

Nas palavras de Guimarães (2015) a imprensa francófona brasileira nasce com inclinação cosmopolita e transnacional, isso porque o Rio de Janeiro era uma portuária de destaque econômico e geográfico. As publicações, eram de curtíssima duração, entre um a três anos, a maioria tinha conteúdo informativo e apresentava poucas ilustrações, sendo que em geral “são periódicos voltados para a comunidade francesa no Brasil e seus interesses (diplomáticos, financeiros, políticos e culturais) (Guimarães, 2015, p. 14).

A atuação de franceses no ramo editorial, incluindo livreiros, jornalistas e tipógrafos, foi significativa em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, apesar de a migração para o Brasil nunca ter sido numerosa. Até houve incentivo oficial à vinda de franceses para colônias agrícolas já no início do século XIX, mas as experiências malogradas em decorrência do não cumprimento das promessas de boas condições de trabalho fizeram com que o governo francês lançasse a *Mise en garde du gouvernement français contre l'émigration* em 1859 e o *Décret officiel pour l'interdiction de l'émigration* em 1875. Tais medidas tiveram repercussão imediata no Brasil, restringindo o número desses imigrantes. Segundo país em presença francesa na América Latina, ficando atrás apenas da Argentina, o Brasil apresentou, no entanto, uma imigração muito tímida (Guimarães, 2015, p. 16)

² No site da Biblioteca Nacional é possível ter acesso aos números do periódico <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/echo-lamerique/702404>

A historiadora Isabel Lustosa (2015, p.79) indica que *Le Courier du Brésil* foi o terceiro de uma série de jornais publicados em língua francesa no Rio de Janeiro, tinha como subtítulo as indicações dos temas abordados *politique, litterature, revue des théâtres, sciences et arts, industrie, commerce*³, esses “jornais foram publicados em francês por franceses e, mesmo tendo inicialmente como público-alvo os franceses estabelecidos no Brasil, acabaram se envolvendo nas questões locais”. Um exemplo disso é o excerto abaixo, que compara o Brasil e a Europa e coloca em evidência o problema das estradas.

*Le Brésil, presque aussi grand que Europe, compte à peine quelques lieues de bonnes routes aux abords des grandes villes du littoral; trois lieues seulement de chemin de fer aboutissent à Rio-Janeiro-la capitale. Dans l'intérieur, on ne trouve que des chemins mal tracés, sans entretien, souvent à peine praticables aux bêtes de somme, qui saules, opèrent tous les transports. Le gouvernement et la partie intelligente des populations commencent à sentir la nécessité de faire cesser un tel état de choses, On parle beaucoup de compagnies pour l'établissement de routes ou de chemins de fer*⁴.
(Grifo nosso)

Guimarães (2019, p. 5) destaca que “desde o século XIX o mercado editorial do Rio de Janeiro e de São Paulo se viu inundado por um número expressivo de periódicos estrangeiros, em sua maioria franceses”, validando a notável influência cultural francesa na América Latina. Dois fatores podem ser destacados para compreender melhor este cenário, primeiro a liberação dos prelos e segundo o fim do exclusivo colonial no Brasil em 1808, o que fez aumentar significativamente a produção de periódicos franceses, além de que A Era de Ouro da imprensa francesa no Brasil ocorreu entre 1854 e 1924, quando a maioria dos títulos surgiram (cerca de 34), principalmente no Rio de Janeiro, sendo alguns muito longevos, com mais de duas décadas de duração (Guimarães, 2017).

No que tange aos jornais dedicados ao público feminino, temos um volume de jornais femininos a partir de 1852, com a publicação do *Jornal das Senhoras*, redigido por mulheres e a elas destinado, bem como outros títulos que não se afastam dos modelos franceses, tomando os desígnios vindos de Paris como um modelo a ser seguido. Luz (2024, p. 370) em seu estudo sobre a moda no Império brasileiro, indica que “a primeira coluna do periódico *Jornal das Senhoras* já mostra a dominante influência da capital francesa no gosto das brasileiras [...] em

³ *Courrier du Brésil*, n.2 - 15 de septembre de 1854. Tradução livre: política, literatura, críticas de teatro, ciência e arte, indústria e comércio, disponível em: <<https://bndigital.bn.br/acervo-digital/courrier-du-bresil/709719>>

⁴ *Courrier du Brésil*, n.47 - 7 octobre de 1855. Tradução livre: O Brasil, quase tão grande quanto a Europa, tem apenas algumas léguas de boas estradas perto das grandes cidades costeiras; apenas três léguas de trem levam até Rio de Janeiro, a capital. No interior, existem apenas caminhos mal sinalizados, sem manutenção, muitas vezes pouco transitáveis para animais de carga, que farão todo o transporte. O governo e a parte inteligente da população estão começando a sentir a necessidade de pôr fim a tal estado de coisas. Fala-se muito em empresas para a construção de estradas ou ferrovias.

Paris a publicação de figurinos é abundante, tendo as parisienses uma grande variedade de *modelitos* toda semana”.

David Harvey (2015) em seus escritos demonstra como a França impulsionava este olhar voltado para o consumo, principalmente por meio do vestuário, considerando que a indústria têxtil teve grandes impulsos no período do Império. Outro fator que pode ser considerado neste período é o movimento das mulheres com a saída do espaço doméstico para adentrar o espaço público, isso implica novas esferas de consumo. A mulher burguesa se torna uma exibição das conquistas do marido, indicando “a crescente transformação das mulheres em mercadoria na vida pública” (Harvey, 2015, p. 260), e é esta percepção da necessidade de consumo pelas mulheres que as tornam o centro da moda.

Não é só no período Imperial que temos referências francesas, as pesquisas de Braga e Prado (2011) esmiúçam sobre o vestuário no período da República Velha e *Belle Époque* que mostram a mulher brasileira com uma aparência bem francesa, especificamente com os seguintes atributos: silhueta ampulheta, saias longas, laços e bordados, a obrigatoriedade da sombrinha para evitar o sol e manter a aparência pálida, sapatos fechados, chapéus extravagantes. Para confirmar esta informação, Assunção e Italiano (2018, p. 234) afirmam que toda essa cultura de moda e vestir conquistou espaço nos periódicos da época, que se tornaram fonte principal de informação para a sociedade, “na Europa, moldes de peças de vestuários já eram impressos e vendidos e, por mais que a moda pareça ser mais intensa para as mulheres, os primeiros periódicos de moda eram voltados para o público masculino”

A educação feminina no Brasil República

Na virada do século XIX para o século XX a sociedade brasileira presenciou por parte de suas elites republicanas um esforço de reconfigurar o país em uma nação civilizada e moderna, com a premissa da ordem e progresso. Neste processo, aos poucos foram definidos preceitos a serem cumpridos por cada indivíduo do seu respectivo grupo social, especificamente a mulher/, deveria ser esposa, mãe, rainha do lar, com atributos de docilidade, submissão, passividade, recato e fragilidade (Damasceno et al., 2018).

Essa reorganização social não ocorreu apenas no contexto brasileiro. Conforme indicam Valentim et al. (2019), a educação das mulheres na França também era semelhante desse modelo, pois demonstrava preocupação em formar mães e mulheres preparadas para o casamento, assim como desenvolver a capacidade de manter a harmonia do lar e da família. Tal

aproximação evidencia a relação transnacional de princípios educacionais que associavam a educação feminina à domesticidade e à ordem social.

A mudança na República brasileira abre novas possibilidades com relação à educação feminina, que agora tem uma função na ordem republicana e servem aos projetos e ideais de modernização para a época. Segundo Valentim et al. (2019) no ideário republicano que começa a se consolidar, as mulheres são as agentes dessa transformação, responsáveis pela difusão de preceitos normativos, higiênicos e as grandes mediadoras entre o poder público e a população geral.

Com a modernidade nos primeiros anos republicanos acontecendo, houve a necessidade do crescimento das Escolas Normais no país devido às melhores condições socioeconômicas, possibilitando maior progresso educacional e também influenciaram nesse desenvolvimento os movimentos político-sociais, pois acreditavam na educação como instrumento transformador. As mulheres passaram a frequentar estas instituições normalistas “e a procuravam para obter conhecimentos, preparo para a vida no lar e também ter uma profissão que lhes permitisse sobreviver com seu próprio rendimento.” (Almeida; Boschetti, 2012, p. 229).

O magistério representou uma das poucas profissões acessíveis às mulheres na época, pois a escolarização feminina era concebida para prepará-las a viverem em sociedade e serem amáveis aos homens. Dessa forma, não lhes era permitido concorrer com eles profissionalmente e intelectualmente, já que tal atitude seria vista como uma transgressão aos limites da segurança social. Assim, “a instrução das mulheres deveria reverter-se em benefício da família e, por meio desta, da Pátria, que se expandirá cada vez mais em seu desenvolvimento, alinhando-se com as grandes nações do mundo.” (Almeida; Boschetti, 2012, p. 230).

Nesse contexto de mudanças nos tempos republicanos, Valentim et al. (2019) explicita que a representação da mulher se posiciona de forma ambivalente, oscilando entre dois pólos. De um lado, surge a possibilidade de desenvolvimento intelectual, inserção profissional e conquista de um espaço público até então inexplorado. De outro, persiste a domesticidade, que enaltece de forma conservadora as funções tradicionalmente atribuídas às mulheres. “Em ambos, a responsabilização da mulher pela reprodução dos valores morais e pela manutenção do bem estar familiar, saudável, em seu mais amplo sentido.” (Valentim et al., 2019, p. 9).

Portanto, a educação das mulheres era vista ao benefício do lar, do marido e dos filhos, ou seja, mantidas dentro dos limites socialmente aceitos em um momento de transformações sociais e culturais, já que a educação feminina não poderia ser uma ameaça às instituições e à sociedade (Garcia, 2008). Isto é, a presença feminina no cenário educacional no Brasil não foi

algo naturalmente construído, mas sim consequências de lutas e reivindicações feministas e por exigências das circunstâncias políticas e sociais que a sociedade republicana vinha passando historicamente.

Importante ressaltar que o periódico utilizado como fonte neste trabalho enuncia uma educação para mulher voltada exclusivamente a família e ao lar, o qual “Ha de reflectir, no arranjo, os teus gostos e as tuas predilecções e ha de, também, acima de tudo, guardar em cada recanto a carinhosa memoria da bondade daquella que é a Rainha do Lar e sem a qual os lares não existem: a esposa e mãe⁵” (Vida Doméstica, 1931, p. 125).

A presença dos modelos franceses nos lares das mulheres brasileiras

Diante do vasto volume de material documental analisado, a investigação revelou uma significativa recorrência de temáticas que dominavam as páginas da revista Vida Doméstica. Portanto, optamos por esmiuçar os quatro assuntos que se manifestaram com maior frequência, sendo estes: a cozinha francesa, a literatura francesa, a moda francesa e o cinema francês.

A cozinha francesa ocupa lugar de destaque na revista, com publicações constantes de receitas e menus típicos para todas as refeições, como: Omelette vert-pré, Fruits, Salade, Soupe à l'oignon gratinée, Culotte de bœuf braisée, Merlan Colbert, Côtes de veau grillées, Salade verte, Potage Faubonne, Soufflé chocolat⁶ e outros pratos. A justificativa dada para tamanha presença está no elevado prestígio da culinária, “A cozinha francesa tem imensos apreciadores, o que, aliás, se justifica, visto ser das melhores e mais saborosas que se conhecem, destacando-se muitos dos seus pratos tradicionais por uma requintada combinação e finissimo paladar.” (Vida Doméstica, 1926, p. 11).

Em edições do ano de 1924 (edição 78 e 79) há matérias ressaltando “A cozinha regional francesa trata de um magnífico prato “gratin⁷” “Havia sido iniciado nos ritos maravilhosos da cozinha regional, em redor da qual se consumiam todas as velhas tradições das provincias francesas” (Vida Doméstica, 1924, p. 19 e 23) dando ênfase ao trabalho elaborado pela cozinha francesa e os hábitos da confecção lenta das iguarias e do sabor das comidas. Mas

⁵ Optamos por manter a ortografia da época.

⁶ *Vida Doméstica*, n. 00105, 1926. Tradução livre: *Omelete de prado verde* (omelete com ingredientes frescos e verdes, como ervas, espinafre), *Frutas*, *Salada*, *Sopa de cebola gratinada*, *Alcatra bovina assada*, *Pescada Colbert* (filé de peixe cozido e coberto com um molho espesso à base de manteiga e ervas), *Costeletas de vitela grelhadas*, *Salada verde*, *Sopa Faubonne*, *Suflê de chocolate*

⁷ Em tradução livre seria “gratinado” trata-se de uma técnica inspirada na culinária francesa de durar e criar uma crosta crocante na superfície de um prato.

é na edição 105 do ano de 1926, que a revista apresenta um verdadeiro menu francês, reforçando que “continuamos a ensinar n’esta secção, a melhor forma de se prepararem diversos dos melhores pratos francezes [...] e como de costume, damos os menús redigidos em francez” (Vida Doméstica, 1926, p. 11).

Figura 1: Reportagem “Cosinha Francesa”

C
o
s
i
n
h
a



F
r
a
n
c
e
s
a

LUCIO LARDEADO

Escolhe-se um bonito lucio, que é um dos peixes mais finos que se conhecem, e farda-se com toucinho. Depois assa-se no espeto, tendo-o antes embebiado n’um papel azetado.

Durante o tempo que estiver assando no espeto, vue-se regando com manteiga derretida, vinho branco e sumo de limão.

No momento de servir prepara-se um molho de manteiga ou barro, que se leva ao lume, n’uma

daças de coelho que se deixa encharcar a fogo vivo, temperando bem com sal e pimenta do reino.

Ao fim de uma meia hora tira-se a caçarola do lume, pega-se em metade do azeite que serviu para cozinhar o coelho, deita-se n’um pequeno recipiente e leva-se de novo ao fogo até ficar muito quente, deitando-lhe dentro duas colheres de polpa ou massa de tomate, pectil fino, uma trefa cortada em pedacinhos miúdos e algumas azeitonas pretas.

CONCHAS A’ MARNHEIRA

Abram-se ao fogo, bonitos mexilhões, tiram-se das respectivas cascas e põem-se com cascas Saint-Jacques, ou cascas de ostra, misturadas com algumas cascarões ou um pouco de lagosta, tudo previamente cozido, e cobertos depois de fritos de um molho de mayonnaise.

É’ um prato delicioso.

BEBIDAS INTERNACIONAES

Goupe russa — Dose para 20 pessoas —. Tres garrafas de vinho de Bordeaux (tinto) quatro decilitros de Curaçao vermelho; meio litro de vinho de Xerez, meio litro de Cognac; dois copos, dois para vinho de Bordeaux, de xarope de frambosas; tres laranjas em pedações, não desossadas, um limão cortado; quatro pedações de herba cidreira verde; dois siphões de soda; tres garrafas de schweppes soda-water (genero de limonada inglesa).

Deixa-se fermentar, pelo menos durante uma hora.

Coar e servir com gelo esmigalhado.

Hão de concordar que é uma bebida verdadeiramente bolchevicta...

Ponche argentino — Dose para 10 pessoas —. Deitam-se cento e cincoenta grammas de asecucar em meio litro de agua, e a pelle interior de duas laranjas e dois limões. Ferve-se durante um quarto de hora, junta-se meia garrafa de rum; um copo de hich; o summo de dois limões e o de quatro laranjas e um grande copo de leite.

Deixar repousar durante quatro horas no cave, coa-se por uma musselina fina e serve-se muito frio.

INDISPENSAVEL

Ao bom paladar
EM TODAS AS MERCEARIAS
Para quantidade com desconto
peçam directamente á
PEREIRA CARNEIRO & Co, LTDA.
Avenida Rio Branco, 110



frigideira, até ficar bem escuro, tendo-se-lhe misturado a gordura que fór caindo do espeto e com esse molho se rega todo o lucio. É’ um prato magnifico.

COELHO A’ MARENCO

Tira-se a pelle e limpa-se muito bem um coelho novo, cortando-o em seguida em pedações.

Deitam-se duas colheresadas de azeite n’uma caçarola que se leva ao fogo, deixando esquentar bem. Quando o azeite começar a ferver, o que se conhece pela fumaça que faz, deita-se-lhe dentro os pe-

Deitam-se os pedações de coelho n’uma tevessea e cobrem-se com este molho.

Podem-se adicionar cogumelos ao molho, caso não os tenhamos já empregado n’outro prato do mesmo menú.

Põe-se, igualmente, em vez de pepper o molho á parte, juntal-o directamente na caçarola, com o coelho, depois de ter reido este, os diversos ingredientes e o tomate, mas é preciso, nesse caso, conservar o coelho bem perto do lume, e não o deixar secar nem endurecer.

MENUS

DÉJUNER

Omelette vert-pré
Navarin de mouton garni fermière
Salade
Fruits.

DINER

Soupe à l’oignon gratinée
Beignets de laitances
Culotte de bœuf braisée
Bordelaise
Haricots beurrés lyonnaise
Glacé vanille.

DÉJUNER

Merlan Colbert
Côte de veau grillée
Pommes de terre fondantes
Culotte de bœuf froide
Salade verte
Pain perdu.

DINER

Potage Faubonne
Sole à l’anglaise
Poulet poêlé aux nouilles fraiches
Soufflé chocolat.

Fonte: Vida Doméstica (1926, p. 11)

A figura acima ilustra a sofisticação e modernidade da cozinha francesa, destacando a presença de variados utensílios culinários que sugerem um ambiente doméstico associado a famílias de maior poder aquisitivo. A representação de uma mulher preparando alimentos indica, ainda, uma ferramenta sutil de moldar e educar as leitoras para um padrão culinário europeu e elitizado, no qual a habilidade nos afazeres domésticos se transforma em aspecto de distinção social.

Em seguida a literatura francesa que, segundo a revista, “é riquíssima, muita coisa boa existe para se ler e que deixe immorredoura lembrança.” (Vida Doméstica, 1926, p. 78). Assim, a literatura francesa é enaltecida nas páginas do periódico, matérias que indicam livros de comédias de amor, romance e poesia. É mencionado diversos livros de literatura, mas

ressaltamos alguns, como: Os Contes de fées de Perrault, Mme. d'Aulnoy e Mme. Le Prince de Beaumont, o qual encanta as moças; os livros da bibliothèque Rose, especialmente os da condessa de Ségur, Les Malheurs de Sophie, Les Petites Filles Modeles, Les Vacances et Un bon petit diable; poesias de Lamartine, que escreveu Le lac, Méditations, Jocelyn e La Chûte d'un ange.

Além da literatura, a língua francesa é propagada através da divulgação de aulas de francês para ambos os sexos, dos vocábulos do idioma, da influência da língua francesa nos outros idiomas, e da implementação da língua francesa em cursos secundários. Logo, a revista compreende que “a língua francesa é uma chave que nos abre a porta das outras literaturas. Tido o que ha de bom, de notavel, está traduzido em francez.” (Vida Doméstica, 1926, p. 78). O texto reflete o pensamento das elites brasileiras da época, sujeitos que tinham acesso ao aprendizado de línguas estrangeiras, inclusive as mulheres, cuja formação era influenciada por valores europeus. Nesse contexto, a França era considerada como modelo de civilização, cultura e modernidade, e o domínio da língua tornava-se um símbolo de distinção social e intelectual.

As diversas obras literárias e a difusão da língua francesa para todos os sexos nas reportagens, evidenciam uma contradição da época. Embora incorporasse valores de modernidade, inspirados em modelos franceses, e promovesse a ampliação do repertório cultural e educacional feminino, essa tensão demonstrava um ideal conservador. Nesse contexto, o incentivo ao refinamento cultural e a educação das mulheres era incentivada, desde que permanecessem dentro das funções de esposa e mãe.

Outro aspecto explorado é a moda francesa, que aparece nas edições da revista com anúncios de venda de tecidos franceses para costura, de bordados, de adereços de cabeça, de acessórios e de vestimentas. Os textos são acompanhados de imagens e trazem a evolução histórica da moda, como exemplificado em uma matéria do ano de 1941, que afirma que em 1822 “Mais uma vez é Paris quem dita as modas ao Mundo. As cortes que haviam combatido a França durante o período das Coligações, estão ávidas pela moda francesa, [...] fazendo dizer a própria Maria Luiza: Il n'y a qu'a Paris vraiment que l'on habille⁸...” (Vida Doméstica, 1941, p. 94).

Segundo a revista a “alta-costura” ainda não tinha se transformado em uma grande indústria, sendo assim “a moda nascia nos mais modestos ateliers da Rue Vivienne, [...] não havia se desapegado inteiramente das cinturas altas e do estilo Império”. (Vida Doméstica,

⁸ Tradução livre: É só em Paris que realmente nos vestimos...

1941, p. 94). Na imagem podemos ver um chapéu “en cloche”, que é um acessório em formato de sino

[...] com a copa cercada do véu destinado a proteger a cutis contra a intensidade dos raios solares (ninguém então ainda falava nos benefícios e malefícios dos raios ultra violetas e o ‘bronzado de sol’ era de mau tom); a cintura alta realçando o busto e a saia ampla tais são as características do traje de amazona com que a nossa futura Imperatriz ‘paceou’ pela Quinta do Vale Formoso, na Ilha da Madeida, durante a sua viagem para o Brasil.

Assim, o periódico exalta a moda francesa como emblema de sofisticação, liderança e modernidade, reforçando sua centralidade no universo da moda e no comércio de luxo da época. Tratada não só como um assunto de vestuário, mas como um elemento de identidade e projeção internacional da França. A valorização da estética francesa evidência um processo de formação comportamental voltada à construção de uma feminilidade refinada. Ao difundir padrões europeus de elegância e consumo, a revista contribuiu para educar suas leitoras, alinhando-se a modelos que controlavam a sua aparência e hábitos cotidianos.

O cinema francês também recebe atenção nas edições, com colunas dedicadas à exibição de filmes franceses e destaque para diretores(as) de obras cinematográficas. Em uma entrevista concedida à revista sobre os grandes filmes franceses, Mme. Sorrentino, diretora de filmes, enfatiza a liderança francesa no cinema, atribuindo esse protagonismo à tradição cultural, à qualidade artística e à excelência técnica, nas palavras dela:

Em primeiro lugar, a tradição de cultura de todo um povo. A França possui o que se chama “esprit”. Sua liderança é riquíssima. Seu teatro dispensa comentários tão conhecido ele é em todo o mundo. Com esse material e a boa aparelhagem técnica de que dispõe atualmente, o cinema francês que possui também excelentes diretores, grandes artistas, magníficos fotógrafos e decoradores de talento, pode colocar-se rapidamente na vanguarda da produção cinematográfica do mundo (Vida Doméstica, 1939, p. 84).

A publicação contribui para consolidar a imagem da França como líder no campo cinematográfico, a combinação entre herança cultural e inovação tecnológica é apresentada como fundamento da posição de vanguarda do cinema francês no cenário mundial. Além de refletir um olhar centrado nos europeus que passava as representações de cultura e modernidade em reportagens voltadas às elites brasileiras do período. Contudo, ao dar visibilidade a uma diretora de filmagem, a revista reafirma a centralidade francesa no meio artístico e associa essa liderança a modernização que inclui, ainda que de maneira restrita, a ampliação da presença feminina em espaços historicamente masculinos.

A análise da revista evidencia de forma contundente a expressiva influência francesa em diversos aspectos da vida cotidiana e do meio cultural das elites brasileiras. O mapeamento

das temáticas recorrentes ao longo de suas edições, observa-se evidente a centralidade atribuída à França enquanto referência de refinamento e modernização. Ademais, as matérias impactaram na educação do seu público leitor, as mulheres, ao propagarem conteúdos de culinária, organização familiar, comportamento, consumo e a sensibilidade estética, contribuindo para alinhar uma identidade feminina aos referenciais europeus.

Conclusão

A influência francesa se manifesta nas matérias na revista *Vida Doméstica* de forma ampla e recorrente, refletindo o prestígio da França como modelo de civilização, sofisticação e atualidade das elites brasileiras da época. Essa presença se expressa em diferentes dimensões do periódico, desde as menções à língua francesa e à literatura até a valorização de práticas cotidianas associadas ao estilo de vida parisiense, como o cinema, a avicultura, as revistas francesas e os padrões de consumo. Assim, o país europeu é constantemente mencionado como símbolo de bom gosto, sendo apresentado como fonte legítima de elegância e contemporaneidade.

Dentre os aspectos mais destacados da influência francesa estão a culinária e a moda. A gastronomia aparece frequentemente em receitas e menus, exaltada por sua sofisticação e refinamento. Os pratos típicos, o vocabulário culinário em francês e o foco na técnica e tradição revelam a tentativa da revista de educar as leitoras para um padrão alimentar europeu e elitizado. Já a moda francesa ocupa um lugar central como referência estética, com reportagens, imagens e anúncios que destacam tecidos, acessórios e modelos vindos de Paris, promovendo padrões visuais e comportamentais inspirados na capital francesa.

Essas tendências não se limitam ao campo do consumo, mas se articulam à construção de um ideal feminino voltado à domesticidade e à distinção social. A mulher leitora da revista *Vida Doméstica* era incentivada a moldar sua aparência através das vestimentas luxuosas e a refinar seus hábitos cotidianos, especificamente os culinários, com base na tradicional gastronomia francesa. Os discursos propagados nas publicações não se limitavam a incentivar práticas de consumo, mas promoviam maneiras de ser e de se portar, promovendo um comportamento feminino associado à delicadeza, ao controle do lar e à sofisticação, fortemente inspirado nos valores e modelos culturais franceses, sendo fortemente perceptível os ecos de Paris nos lares brasileiros.

Desse modo, os periódicos franceses demonstraram a presença na história da imprensa no Brasil. Inseridos nos contextos históricos por ela atravessados, esses impressos dialogavam

com práticas jornalísticas locais, influenciaram formatos e conteúdos, bem como deixaram registros que, ainda por vezes irônicos ou marcadamente elitistas, expressavam um engajamento revelando que tinham uma posição ativo na sociedade que os recebeu (Guimarães, 2015). Logo, reafirma-se seu papel enquanto agentes de propagação cultural e significativa relação internacional que permeou a formação da imprensa brasileira.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de; BOSCHETTI, Vania Regina. Devotas e instruídas: a educação de meninas e mulheres no Brasil - fragmentos do passado histórico (1846-1930). **Educação Unisinos**, Sorocaba, SP, v. 16, n. 3, 2012. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2012.163.04>. Acesso em: 5 jan. 2025.

ASSUNÇÃO, Beatriz Alvarez; ITALIANO, Isabel Cristina. Moda e vestuário nos periódicos femininos brasileiros do século XIX. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n.71, p. 232-251, dez, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/152750>. Acesso em: 03 fev. 2026.

BARROS, José D'Assunção. Fontes históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos. História e parcerias, ANPUH. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://www.historiaeparcerias2019.rj.anpuh.org/resources/anais/11/hep2019/1569693608_A_RQUIVO_bd3da9a036a806b478945059af9aa52e.pdf. Acesso em: 02 fev. 2026.

BRAGA, João; PRADO, Luís André. **História da moda no Brasil**: das influências e autorreferências. 2.ed. São Paulo: Disal, 2011.

DAMASCENO, Alberto; SANTOS, Emina; RESCHKE, Monika; PANTOJA, Suellem Martins. A mulher como professora primária: um desafio profissional na Primeira República. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 12, n. 24, p. 569–584, 2019. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/853>. Acesso em: 3 jan. 2025.

DUARTE, Constância Lima. A história possível: imprensa e emancipação da mulher no Brasil no século XIX. **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**, Assis, v. 24, p. 11–26, 2018. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1215>. Acesso em: 4 fev. 2026.

FREITAS, Viviane Gonçalves. **Feminismos na imprensa alternativa brasileira**: quatro décadas de lutas por direitos. 1ª ed. São Paulo: Paco Editorial, 2018.

GARCIA, Leticia Cortellazzi. O secundário e as mulheres: Uma comparação entre Brasil e França no campo educacional. In: Seminário Fazendo Gênero - Corpo, Violência e Poder, 8ª edição, 2008, Florianópolis. **Anais do 8º Seminário Internacional Fazendo Gêneros**. Florianópolis, 2008.

GUIMARÃES, Valéria. Relações transnacionais: jornais franceses publicados no Brasil (1854-1924). **Revista Escritos - Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa**, ano 9, n. 9,

2015. Disponível em: <http://escritos.rb.gov.br/numero09/artigo02.php>. Acesso em 2 fev. 2026.

GUIMARÃES, Valéria. Imprensa franco-brasileira e mediação: Rio de Janeiro e São Paulo, séculos XIX e XX. In: GUIMARÃES, Valéria; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). **Imprensa em língua estrangeira publicada no Brasil: primeiras incursões**. São Paulo: Rafael Copetti Editor, p. 87-144, 2017.

GUIMARÃES, Valéria dos Santos. A imprensa francófona no Brasil: circulação transnacional e cultura midiática nos séculos XIX e XX. **História** (São Paulo), v. 38, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/QqdTvKQ5NQXj3WkMK9vP8Qm/>. Acesso em: 3 fev. 2026.

HARVEY, David. **Paris: capital da modernidade**. Tradução de Magda Lopes. Revisão de Artur Renzo. São Paulo, SP: Boitempo, 2015.

LUSTOSA, Isabel. Henri Plasson e a primeira imprensa francesa no Brasil (1827-1831). **Revista Escritos - Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa**, n. 9, p. 77-93, 2015. Disponível em: <http://escritos.rb.gov.br/numero09/artigo03.php>. Acesso em: 5 fev. 2026.

LUZ, Rosiane Rodrigues. Periódicos femininos e a moda no Império Brasileiro: 1852-1860. **Revista Eletrônica trilhas da História**, v.13, n.27, 2024. Disponível em: <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/17789>. Acesso em: 2 fev. 2026.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. **Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos** *Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica* nos anos 1950. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VALENTIM, Renata Patricia Forain de; MARTINS, Renata Dahwache; RODRIGUES, Mariana Martelo. Ideários da educação feminina na Primeira República Brasileira. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 57, p. e195706, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8658141>. Acesso em: 4 jan. 2025.

VIDA DOMÉSTICA. Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, Rio de Janeiro, 1920-1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 1 fev. 2026.

SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)

Simone Burioli. Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista; Professora associada do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina, coordenadora do grupo de pesquisa Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Culturas e Práticas - GEPHECP.

Contribuição de autoria: Escrita de parte do texto e revisão.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5148385984170104>.

Camilly Aparecida de Souza Francisco. Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Londrina; Participa do grupo de pesquisa Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Culturas e Práticas - GEPHECP.

Contribuição de autoria: Escrita de parte do texto e revisão.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2310576744821136>.

Mariah Phelipini. Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina; Participa do grupo de pesquisa Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação, Culturas e Práticas - GEPHECP.

Contribuição de autoria: Escrita de parte do texto e revisão.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5860222145188231>.

Como citar este artigo

BURIOLI, Simone; FRANCISCO, Camilly Aparecida de Souza Francisco; PHELIPINI, Mariah. Ecos de Paris nos lares e na educação das brasileiras: influência francesa na Revista Vida Doméstica (1920-1962). **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 5 n. 5, 2026. DOI: 10.22481/redupa.v5i5.18980